

**Exposição na Reunião do Comitê Executivo da União
Internacional de Sindicatos de Trabalhadores da
Agricultura, Alimentação, Comércio e Similares**

Paris, França, 05 de junho de 2019

Por Divanilton Pereira*

Em nome da classe trabalhadora brasileira, em particular da CTB, saúdo este encontro de uma das mais históricas e atuantes União de Sindicatos Internacionais, a UISTAAC. Uma entidade sindical que incorpora a concepção classista e libertária da Federação Sindical Mundial. Através do seu Secretário Geral, Julien Huck, e do seu presidente, Aliou Ndiaye, agradeço o convite para aqui estar.

Apresento aqui algumas opiniões que dialogam com o conteúdo dos documentos que esta reunião ora examina. Em particular em relação a desvalorização que sofre o trabalho em escala global.

Esse ataque está inserido dentro das tensões e as incertezas decorrentes das crescentes disputas geopolíticas. O núcleo dessa disputa está sobre quem hegemonizará politicamente, economicamente e tecnologicamente o mundo: O império estadunidense que insiste em mantê-la e a China que lidera uma articulação por uma nova ordem global.

Destaca-se como fator preponderante, a crise capitalista, que além de acirrar esse contexto, se afasta cada vez mais de um desfecho civilizacional. Pelo contrário, em sua fase de ultrafinanceirização, hegemoniza as diretrizes políticas e econômicas em escala global.

Nessa direção, o capital, em busca de manter seus acúmulos, fragmenta o processo produtivo, impõe a

terceirização e impulsiona as inovações tecnológicas, em particular com a 4.0 e a 5G.

No setor agroalimentar mundial - segundo documento da UISTAC - esses mesmos interesses impõem o ritmo das reestruturações aumentando lucros e modelando o consumo e os circuitos de produção e distribuição. Atualmente a atividade agrícola, sobretudo nos países desenvolvidos, é um segmento indissociável e integrado à lógica capitalista. A concentração agrária, inovações tecnológicas, trabalho assalariado precarizado e o êxodo rural marcam o estágio atual.

Em seu conjunto, a resultante é a explosão do desemprego, dos movimentos migratórios anti-humanos, das subcontratações precarizantes e o desaparecimento desarticulado de profissões. No campo, as 10 maiores empresas do setor dominam 75% da produção de serviços, 90% da agroquímica, 95% do negócio dos cereais e 30% da distribuição alimentícia. Essa degradação tem propiciado um ambiente fértil para o crescimento de forças ultradireitistas, intolerantes e fascistas em boa parte do mundo.

Inserido nesse quadro geral adverso, a América Latina e o Caribe sofrem uma contraofensiva imperialista pela sua recolonização. Buscando recompor-se, impõe novas sanções à Cuba, uma agressão cotidiana contra a revolução bolivariana e participa de todos os processos que desestabilizam Governos progressistas na região.

No Brasil foi eleito em outubro de 2018 um representante da ultradireita, o ex-Deputado Federal Jair Bolsonaro. Um governo ultraliberal na economia, conservador nos costumes e autoritário nas relações políticas.

Desavergonhadamente, recentemente ajoelhou-se aos pés do presidente Donald Trump e prometeu-lhe total subserviência aos interesses daquele país.

No Brasil já extinguiu o Ministério do Trabalho, desdenha das instituições do estado de direito, apresentou ao Congresso Nacional uma reforma que acaba com a seguridade pública e implementou medidas que inviabilizam materialmente o funcionamento dos Sindicatos, Federações e Centrais Sindicais - estas perderam 90% de suas receitas comparadas com as de 2017. Na economia, continua privatizando o patrimônio nacional, em especial, as reservas do pré-sal.

Recentemente promoveu um corte brutal no orçamento da educação pública e contra isso, no último dia 15 de maio, realizamos uma das maiores mobilizações envolvendo estudantes, professores e Centrais Sindicais. No dia 30 de maio ocorreram novas manifestações e no próximo dia 14 de junho, realizaremos uma Greve Geral no país.

O país tecnicamente em recessão, está com uma taxa de subutilização da força de trabalho de 28,3 milhões de trabalhadores, inserido aí os quase 13 milhões de desempregados.

Passados menos de seis meses de sua posse, as pesquisas nacionais revelam que a rejeição a sua gestão já é maior do que a sua aprovação. Além disso, inúmeras contradições internas no Governo se desenvolvem, criando um ambiente de dificuldades e incertezas para o seu futuro.

Sem subestimar as forças adversárias, A CTB empenha-se em constituir uma ampla frente política objetivando defender a democracia, a soberania nacional e os direitos do nosso povo.

Acrescento uma informação importante para o sindicalismo: A CTB e a CGTB, ambas filiadas a FSM, deliberam

por se unificarem. Esse processo deve concluir-se até o final deste ano.

Para nós, as nossas jornadas são desafiadoras, mas não são intransponíveis. A concepção classista da FSM - aqui presente entre nós - nos orienta que a partir do exame concreto sobre a realidade concreta, acumularemos forças para superarmos a atual ordem excludente.

Viva a Classe Trabalhadora Mundial!

Viva a UISTAAC!

Viva a Federação Sindical Mundial!

Muito obrigado!

****Divanilton Pereira é Secretário Geral Adjunto da FSM e Vice-presidente Nacional da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB).***